

DA INVENÇÃO DA IMPRENSA AO LIVRO INFANTIL: UM ENFOQUE EDITORIAL*

Xênia Lacerda Cordeiro
Faculdade de Biblioteconomia e Documentação
Faculdades Integradas Teresa D'Ávila
12600 Lorena, SP

1 - INTRODUÇÃO

*"Oh! Bendito o que semeia
livros. Livros à mão cheia...
E manda o povo pensar.
O livro, caindo n'aima
é gremem - que faz a palma,
é chuva - que faz o mar!"*

Castro Alves

Este trabalho visa a considerar aspectos da organização de obras infantis não exclusivamente sob o aspecto de criação do texto literário em si, mas, mais especificamente, de sua estrutura, do produto gerado ao longo do processo produção/consumo.

O universo do adulto é diferente do universo infantil e, se essa diferença não é observada na produção da obra literária, se os produtores desta não refletirem sobre problemas e soluções considerando o ponto de vista da criança, o receptor tornar-se-á dependente do emissor.

O livro, ente intimamente ligado ao homem, tem poder preponderante na história da cultura e da comunicação. Ora surge como simples objeto de consumo - livro descartável - produto do Século XX, ora como o

* Trabalho realizado em 1987 como parte integrante da disciplina Processos de Leitura do Curso de Mestrado em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a orientação de Ezequiel Theodoro da Silva.

RESUMO

Mostra a criação da comunicação impressa desde seus rudimentos, até atingir a literatura infantil. Vê esta literatura como criada **para** a criança e não **pela** mesma. Assim, considera-se uma atividade complexa, visto implicar em questões psicopolítico-sociais. Reflete que para a literatura infantil cumprir seu propósito de **formar e informar, induzir e conduzir** é necessário que haja o compromisso da indústria editorial para com a cultura, objetivando um produto mais bem elaborado, em termos gráfico-editoriais (arte gráfica). Bibliotecários, educadores, promotores de cultura são os intermediários entre o autor e o universo infantil sendo, portanto, responsáveis pela "criação" e "não criação" do leitor-criança - processo esse irreversível.

oposto do livro descartável ou seja, o livro permanente - aquele que vem para ficar.

Mas, antes de falar do livro é preciso conhecer um pouco da sua história; para tal, façamos um breve retrospecto referente ao desenvolvimento da escrita.

Quando o homem começou a transmitir seus pensamentos surgiu a representação da escrita, através de objetos como a pedra, a madeira, o chifre, os tecidos, e outras superfícies mais lisas, onde, com o auxílio de instrumentos rudimentares como o buril, traçava riscos e figuras. Isto começou nas paredes das cavernas; depois, foram utilizadas tabuinhas enceradas, peles de animais e o córtex das árvores.

Após a escrita feita através das figuras - a pictografia - apareceu a ideografia, onde as idéias eram representadas através de sinais gráficos, surgindo o desenho, para indicar a finalidade da comunicação, por meio do próprio desenho.

A escrita evoluiu para o cuneiforme - forma de cunha, sendo simplificada e composta de traços figurativos oriundos de sinais sumerianos - descoberta essa feita por George F. Grotefend.

No entanto, foi a escrita sagrada dos monumentos e templos egípcios - os hieróglifos - decifrada por J. F. Champolion, que originou a criação do alfabeto, pois nele se inspiraram os fenícios para a criação de seu alfabeto que, posteriormente, assimilado pelos gregos, serviu de base para a formação do latino.

Com o passar do tempo vieram as escritas hieráticas, a dos sacerdotes e a demótica, popular e mais acessível. Entretanto, o passo decisivo na formação das palavras foi a escrita fonética, de acordo com o princípio do enigma de imagens, já empregado na escrita de objetos, a composição de novos conceitos, a partir dos sinais. Conseqüentemente, surgiu a escrita silábica, dando origem à criação do alfabeto, havendo um sinal para cada som.

Os chineses, desde os primórdios do Século VI, já empregavam a xilografia, sendo que, na Europa, no Século XIII, os primeiros livros obtidos por esse processo surgiram em 1431.

A indústria do livro passou por vários períodos, tendo que se considerar o livro mineral, feito de bronze, pedra ou argila, o animal, de pergaminho e outras peles; o vegetal, de plantas como o papiro e a madeira, iniciando-se, depois a fabricação do papel e acontecendo a invenção de vários tipos de tintas, além da impressão de gravuras.

J. Gutenberg, em 1456, descobriu a imprensa móvel para a fabricação de livros sendo a Bíblia o primeiro assim obtido.

Já em 1461 surgiu a obra "A pedra preciosa" que foi o primeiro livro com ilustrações impressas (xilogravura).

A cultura, durante os primeiros séculos, era privilégio das classes mais abastadas, visto que o livro atingia uma parte reduzida da população. Foi difundido na Alemanha e em diversos países da Europa, de 1465 a 1493.

A primeira grande empresa tipográfica, surgiu em Nuremberg, em 1470, pertencendo ao impressor Anton Koberger (1440-1513). Nesse mesmo ano, Johan Heylin e Guilhaume Fichet instalaram a primeira tipografia da França, criando, também, a primeira editora universitária, visto serem, respectivamente, reitor e professor da Sorbonne.

Erhard Raddolt foi o impressor da primeira obra impressa com página de rosto completa, com nome do autor - lonnes Regio di Monte; cujo título era *Kalendario*, trazendo ainda o lugar e a data de publicação (1476), o nome do impressor e de seus colaboradores.

No Século XVIII, com o aparecimento do prelo manual, invenção do holandês Willen Janszoon Blaeu, houve um grande incremento e muitos melhoramentos no setor - melhores tipos de pape! e aperfeiçoamento do prelo. Alois Senefelder criou também a litografia e o francês Nicolas Louis Robert a máquina de papel contínuo.

O grande desenvolvimento da indústria do livro se deu, no entanto, no Século XIX, com a invenção do prelo de alavanca, por Georg Clymer (1810). Em 1822, em Londres, surgiu a primeira máquina compositora de tipos, pelo norte-americano William Church. O francês Jacob Worms, em 1845, inventou a prensa rotativa, aperfeiçoada pelo norte-americano Richard Hoe (Filadélfia, 1846).

Com relação à encadernação, antigamente era feita com madeira ou peles e tecidos caros. O papelão somente posteriormente é que foi utilizado. A máquina para preparar capas surgiu em 1830, no Reino Unido, e o processo de estampana a ouro, mecanicamente, foi inventado pelo inglês Archbald Leighton, no mesmo ano.

Outros melhoramentos vieram com a invenção da linotipo Ror Ottmar Mergenthaler e da monotipo por Tolbert Lanston, patenteadas respectivamente em 1884 e 1887 nos Estados Unidos. A *maquina offset* apareceu em 1904, trazendo grande progresso para a arte de imprimir, somando-se a introdução da automação, da eletrônica e da computadorização na indústria gráfica.

Os primeiros livros brasileiros foram impressos no exterior: o primeiro deles foi *Música do Parnaso* de Manoel Botelho de Oliveira, em 1705, impresso em Lisboa; o segundo, impresso no México em 1710, era de autoria do Frei João Batista Morelli e se intitulava *Luzeiro Evangélico*; e o terceiro em Lisboa (1728), *Compêndio narrativo do peregrino da América* de Nunes Marques Pereira.

A impressão de livros e folhetos realmente impressos no Brasil, datam de 1808 e saíram da Tipografia da Oficina de propriedade de Antonio Isidoro da Fonseca, em Recife. A imprensa brasileira tomou impulso a partir de 1930, quando começaram a surgir grandes editores e melhorou o nível técnico das edições.

Nas leituras de livros de literatura infantil, encontra-se indicações que se contradizem quanto à origem da literatura infantil, confundindo-a com a origem do livro infantil.

A literatura infantil é antiquíssima, pois confunde-se com o folclore e *já atendia necessidades infantis desta* ou daquela época.

Considera-se literatura infantil como a mensagem literária, dirigida ou não, à criança, mas que responda às suas exigências.

A literatura infantil tem origem na idade oral do mito sendo que, o livro infantil, surgiu quando se originou a preocupação com a criança enquanto conceito burguês.

Destarte, não se pode concordar com os que consideram a literatura tão somente uma fase histórica, passageira como a condição de seus leitores, dependendo sua eliminação de uma modificação da estrutura social que seria responsável por sua existência.

Se a humanidade fosse apenas uma fase histórica, assim o seria, porém a criança acompanha a humanidade desde seu começo, independente do espaço que o adulto lhe reservou ou lhe reservará. Literatura infantil, é preciso que se diga - é a literatura que procura despertar na criança emoção e prazer pelo interesse do narrado.

A Inglaterra foi o primeiro país a destinar uma publicação impressa para crianças - *The Liliputian Magazine* 1751-1752 - periódico publicado por John Newberry. O primeiro livro, também inglês, data de 1744 e era de autoria do mesmo John Newberry sendo que se intitulava *Little Pretty Pocket Book*.

Newberry foi fortemente influenciado por Perrault (Contos de Mamãe Gansa) e por Collodi e em 1760 publicou de sua autoria o livro *Mothers Goose*.

Em 1762, Jean Jacques Rousseau com sua obra *Emílio*, colocou como princípio que um livro não deveria jamais antecipar a experiência real da criança.

Em 1798, na Espanha, foi publicado o primeiro jornal infantil *A Gazeta das Crianças*.

Entretanto, alguns pedagogos atribuem a origem do livro infantil somente para o Século XVII com *Os contos dos contos* de Basile e *As aventuras de Telêmaco* de Fénelon e o já supracitado *Os Contos de Mamãe Gansa* de Perrault.

Embora o Século XVII tenha sido pródigo em literatura infantil foi no Século XIX que esta se firmou. Lembra-se aqui a obra dos irmãos Grimm, de Andersen (*Os Contos para crianças* - 1835), de Lewis Carrol (*Alice no país das maravilhas* - 1865), de Júlio Verne, na França, dentre tantos outros.

Mas, qualquer que seja a data ou a obra a dar início a literatura infantil, a questão primordial é a do que se considera literatura infantil ou um bom livro infantil e surge a questão:

- A quem perguntar como se faz um livro infantil?

2 - CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DO LIVRO INFANTIL

Meireles' nos responde a questão supracitada dizendo que "nenhum autor é capaz de discriminar o processo

que se opera dentro de si, num momento de criação, de modo a oferecer uma receita feliz. "

Os critérios dependem, não só da experiência, como da ideologia, dos próprios critérios pessoais.

É preciso lembrar os elementos intrínsecos, tais como, o assunto e a adaptação à idade da criança, assim como das qualidades intrínsecas dos livros infantis, tais como: objetividade de informações e introdução de valores.

Porém surge outra questão:

- Que critérios usar para a escolha dos livros infantis?

A infância é um período único, onde a criança nas diferentes etapas pelas quais passa através de seu desenvolvimento, se interessa por assuntos específicos, sendo interessante notar que elas retornam aos livros de que gostam.

É difícil estabelecer critérios mas o fundamental, é que o conteúdo seja verdadeiro, que esteja integrado à realidade da vida embora seja fantasiosa e mostre um clima de mundo fantástico.

A obra literária nada mais é que um produto cultural e, como tal, é simplesmente o resultado de um processo - a herança social - é a expressão de um modo de vida determinado.

Desta constatação surge a questão:

- * Qual o lugar da criança na cultura?

A cultura, à medida que se instrumentaliza, passa a ser indispensável para a sociedade, ou parte dela. Seu produto realiza as sínteses do grupo social, sendo assimilada pelo grupo, condição *sine qua non* para a inclusão do homem como indivíduo dentro do grupo. Destarte, a criança, por ser um homem em desenvolvimento é consumidora passiva de produtos culturais para ela produzidos, visando a torná-la um ser humano evoluído - isso na sociedade capitalista em que se vive.

Todavia, a criança passa a ser mera depositária de um mundo criado pelo adulto, desconhecendo e sem ver reconhecidos seus direitos de intervir no processo sócio-cultural - à criança não é permitido ser sujeito na História que vive.

Inúmeros estudiosos e autores conscientes, têm alertado para o teor alienante de grande parte da produção literária infantil, produção esta redutora da cultura que visualiza nas obras o elemento último e indispensável do processo cultural - que concebe o objeto separado do sujeito, escamoteando as relações de dominação, desconsiderando as relações de produção que estão sob o produto cultural.

- Pode a criança de mera receptora de uma cultura inadequada passar a produtora dessa cultura?

3 - A CRIANÇA E A CULTURA

Em nossa organização social, nunca se pensou na criança como portadora de cultura própria, viva, definida nos grupos infantis.

O ser humano em nossa sociedade só é considerado enquanto produtor, são as leis desses produtos - mercadorias - que fixam nosso valor e papel enquanto seres humanos. A sociedade capitalista privilegia o adulto, por ser "produtivo", em detrimento da criança; é esta uma resposta a uma caracterização do sistema de produção que a uma característica intrínseca do ser humano. Segundo Perrotti², "É o modo de produção que determina, em última instância, a possibilidade e, além disso, o reconhecimento da participação de um segmento no todo social e, em consequência, a não-participação de outros; a atividade de uns, a passividade de outros. Daí que essa oposição ativo/passivo, referindo-se à criança e ao adulto, é histórica e não natural".

Faz-se necessário compreender que a fragmentação do homem na sociedade é resultante de uma situação histórica que trata o tempo humano como se este não fosse total, unitário, simultâneo - é o descompasso temporal que impossibilita a integração da experiência total vivida pela infância-maturidade-velhice - a realidade temporal do sistema impõe-se à realidade temporal humana.

Essa realidade temporal do sistema racionaliza o sistema produtivo tornando o lúdico, parte fundamental do processo criativo da criança, não mensurável, não objetivável, negando-o inclusive. A criança impossibilitada pelo sistema de produzir, passa, com o tempo, a trocar seus sonhos, seus poucos privilégios e seu tempo, pelas exigências, pela racionalidade. Transforma-se num adulto ativo para produzir para o sistema a fim de possibilitar sua manutenção e reprodução. A cultura passa a se confundir com a cultura dominante - é a cultura impingida pelo sistema.

A cultura do trabalhador - folclore - é reconhecida pela classe dominante como um mal necessário para a sobrevivência de grupos economicamente ativos. Tolera-se a cultura do trabalhador por reconhecer que este necessita de um referencial próprio para continuar produzindo - é mais uma vez o econômico determinando o cultural.

A criança, entretanto, produz cultura, pois exerce função preponderante e integradora na reeducação do emigrante. F. Fernandes³ realizou diversas pesquisas nesse sentido constatando que grande número de

imigrantes - 71% dos pais e 64% das mães, de 99% de meninos e 95% de meninas brasileiros pesquisados - produziram a aculturação de seus pais através da cultura vivenciada em brincadeiras de rua onde aprenderam padrões que certamente não lhes foram ensinados em casa e exerceram "um papel ativo na reeducação de seus pais e de sua família em geral, servindo de veículo de transmissão de elementos culturais".

Estas conclusões demonstram que a criança, como elemento pertencente a grupos dotados de uma subcultura própria, pode atuar intervindo no processo cultural como um todo.

O mesmo F. Fernandes³ observou ainda que, grupos infantis motivados pelo avanço da cidade podem sofrer um processo de desintegração, o que se justifica pela estreita relação entre os grupos infantis e os espaços livres. Nos grupos, formados por finalidades lúdicas, a criança cria em si e no mundo, sua personalidade, humanizando-se menos repressivamente do que em grupos controlados pelos adultos; seu convívio social é rico, exerce funções diversas, lidera e obedece a regras determinadas pelo grupo; portanto, vive e aprende a viver de maneira natural e descompromissada, torna-se forte, pois o grupo é forte.

A produção cultural, por melhor que seja, não substitui essa vivência, ela deve e pode apenas resgatar essa realidade - só assim se justificando. E, ainda, essa mesma produção cultural para crianças não é um remédio ou uma necessidade ou uma estrutura de consolação ou substituição ou negação de uma vivência lúdica. Ficou claro até aqui que a questão da produção cultural infantil passa necessariamente pela esfera política.

Entretanto, é preciso que se lance um olhar para a atual produção infantil em nosso País: ela está se ajustando claramente às necessidades de uma política desenvolvimentista embora existam grandes e ótimas exceções. Porém, é fundamental deixar de ver a criança como objeto, como um ser passivo e adentrar ao seu mundo, ao seu universo compreendendo com maior clareza o teor da relação infância-política, infância-cultura, pois a criança é um homem independente de sua idade.

© Então, como compor um livro infantil?

4 - PECULIARIDADES DA COMPOSIÇÃO EDITORIAL DO LIVRO INFANTIL

A editoração é um processo caracterizado por um conjunto que tem o caráter interdisciplinar de envolver uma multiplicidade de teorias e técnicas. O produto editorial de natureza múltipla é um melo de

comunicação. Assim, o livro é um produto que revela dupla composição de significados dispostos em dois níveis distintos: (1) utilidade objetiva ou finalidade de uso objetivo; e (2) representação no imaginário do leitor.

O livro pode ser meio de aquisição de informação e cultura, meio de entretenimento, meio de escape, indutor de sonhos, sinalizador de "status", meio de atualização e de intelectualidade.

A impressão de livros se transformou numa arte. A arte gráfica evoluiu impulsionada pelo avanço da técnica, pelas exigências da ciência e das necessidades sociais. Hoje o consumidor já considera habitual ter em mãos um livro bem impresso; entretanto, ele desconhece o laborioso processo que se seguiu para alcançar este objetivo.

4.1 - TEXTO

Ao texto infantil exige-se acima de tudo clareza expositiva. "A eliminação da retórica e do estilismo é muitas vezes, porém, confundida com o simplismo excessivo de chavões e frases feitas com o pieguismo dos diminutivos. A literatura para criança deve utilizar-se de um vocabulário simplificado, predominantemente referencial. Frases curtas, estilo direto, abundância de verbos, parcimônia de adjetivação, utilização de onomatopéias, aliterações ou outros recursos tônicos, bem como inclusão de cantigas ou fragmentos poéticos e repetições de seqüências narrativas agradam à criança e facilitam sua compreensão. Evitando descrições longas, deve o texto falar por imagens e situações visíveis, através do diálogo e da narração. "

O texto deve emergir com toda a sua força, pois só assim o livro infantil será impresso adequadamente em termos de espaço gráfico. A palavra, bem trabalhada em termos gráficos, emite sons, cria imagens, diminui ou amplia espaços, veicula, enfim, o texto em si. E através da palavra que reações são desencadeadas no leitor-criança, embora a criança possua um horizonte limitado de palavras.

O texto, através das palavras, propicia ao homem atingir a plenitude de seu pensamento, mas é preciso que a visão de mundo, passada para o leitor-criança, seja realista mostrando o ser humano como pessoa respeitada, embora tenha que correr riscos, lutar, demonstrar um esforço pessoal para ser alguém. Em assim sendo, tudo pode ser abordado no texto infantil - desde o fantástico, o maravilhoso, até a realidade do dia-a-dia com seus problemas e dificuldades - porém, isto tudo adaptado às limitações e à capacidade de absorção de mundo da criança.

Enfatiza-se que o texto infantil não deve enquadrar a criança num determinado sistema de valores e normas, mas ajudá-la a encontrar-se e situar-se.

4.2 - ILUSTRAÇÃO

Do trabalho do ilustrador se depreende a imagem do livro infantil. Os ilustradores de obras infantis devem ser mestres da técnica, mostrando o sentido do livro através das ilustrações. Devem saber visualizar, imaginar, compreender, enfim, a relação das palavras que compõem o texto e conjugá-las com seu poder criativo, permitindo que texto e ilustração formem um todo único e harmonioso.

"A função da ilustração é a criação e o desenvolvimento de signos e a descrição gráfica de cenas necessárias". A criança participa do que lê, identificando-se com personagens, lugares e cenas da estória. As ilustrações precisam ser o mais fiel possível à realidade e ainda devem coincidir com a realidade do texto em si, visto que a criança vai conferir no desenho, por exemplo, o número de personagens. A ilustração deve realçar o bom, o belo e o outro lado que também faz parte integrante da vida, à medida que a realidade nem sempre é boa e bela.

Os desenhos que compõem as ilustrações geralmente são retidos pela criança, adentrando sua bagagem intelectual, servindo à cultura estética tanto como à extensão e precisão de seus conhecimentos.

O ilustrador necessita considerar a importância do seu trabalho com relação à criança visto ser esta diferente do adulto, enquanto possui um pensamento que a tudo questiona e encara com menor complexidade. Os traços devem ser simples para que o leitor-criança capte o maior número possível de detalhes, porém o desenho deve propiciar a conexão com a realidade do cotidiano.

Quanto ao uso das cores, é necessário conhecer a forma como a criança as emprega em seus desenhos - Psicologia das cores - para utilizá-las de forma correta. Esse uso vai depender da faixa etária já que a criança inicia seu trabalho com traços e cores como mero exercício de coordenação motora, sendo que, à medida que a idade ou a maturidade avança ou chega, as cores tenderão a ter um caráter primeiro afetivo e, posteriormente, real quando fará a relação entre as cores e os objetos.

No entanto, Aluisio Magalhães defende a tese que o livro para criança deveria ser um livro mais simples e, praticamente, sem ilustrações, visando despertar a imaginação da criança cuja mente já está sobrecarregada de imensas cargas de solicitações visuais de veículos, tais como a televisão, preservando

à criança a possibilidade de imaginar, de fantasiar ou de transformar imagens - aquilo que o pensamento transmitiu através da palavra escrita. Segundo Magalhães "teríamos então um livro branco, bem tratado graficamente, com a tipografia perfeita o melhor possível, o tamanho da letra em relação à frase, enfim, uma situação de pureza."⁶

4. 3 - DIAGRAMAÇÃO

A escolha de tipos adequados, a diagramação, os espaços entre as linhas - brancos - a extensão das margens se amalgamam e resultam num texto bem impresso, acessível e de fácil leitura.

O livro infantil requer mais cuidados para ser elaborado que os demais, posto dirigir-se a um consumidor especial e ter por finalidade despertar o gosto pela leitura. Os primeiros contatos entre a escrita e a criança devem ser feitos em boas circunstâncias, sem quaisquer descuidos, objetivando o êxito do conjunto final - o livro em si.

Muitos são os detalhes a serem considerados quanto a impressão: o tipo de letra deve ser de tamanho regular, os caracteres e as palavras em forma individual quando a faixa etária do leitor for três ou quatro anos. Isto porque as crianças não percebem as palavras como unidades mas como mescla de pequenos elementos, sem relação entre si.

A diagramação de livros para pré-escolares é fundamental para passar o texto; é preciso um trabalho de equipe entre autor, diagramador, ilustrador, para que as imagens e o texto interajam na totalidade do espaço disponível.

4. 4 - PAGINAÇÃO

A paginação no livro ilustrado para crianças é um fator fundamental de enriquecimento da obra, à medida que realiza a fusão e soma ilustração, texto e página.

"Observa-se que os livros mais bem paginados são estudados antes do texto e imagens finais. Parece-nos que uma vez definida a idéia base do livro o ideal seria que os autores do texto, da imagem e da paginação concebessem o livro em conjunto, estudando o peso relativo de cada elemento e fazendo do texto e imagem, duas mensagens que se completam e que estimulam a imaginação do leitor. (...) Esta reunião deve favorecer a melhor legibilidade, conforto e estética, com o objetivo de tornar o livro mais atraente e melhor de ser lido."⁷

4. 5 - ARTE GRÁFICA

O livro infantil deve ser uma obra de arte, tanto em forma literária como visual. Para tal, a boa produção

gráfica é fundamental, pois só assim o trabalho de criação, texto, imagens e paginação se realiza num produto visualmente atraente, bom de ser tocado, folheado, manuseado e adequado ao seu uso.

O projeto da obra contendo as possíveis alternativas de cores, cm de fotolito, tipos de papel e número de páginas antes da impressão da obra, conduzirá segundo Calvi⁸, à produção de livros infantis mais coerentes com os orçamentos e técnicas disponíveis. Necessário espelhar-se no exemplo de países como a França, a Austrália e a Espanha, mas, enquanto esse ideal não é alcançado, por que não adquirir o domínio de técnicas menos variáveis e produzir melhores livros sob todos os pontos de vista.

É conveniente postular que na produção gráfica da obra infantil há uma gama de soluções para tornar o livro infantil no veículo - suporte do pensamento - que objetiva despertar na criança o gosto pela leitura como fonte de enriquecimento interior e caminho para a visão do ser humano. Dentre essas soluções para uma melhor produção gráfica do livro infantil, tem-se: o livro sem ilustrações, com espaço para a criança desenhar a imagem de sua própria fantasia; o livro sem texto, só com imagens e espaços para que a criança crie sua própria estória a partir das ilustrações: e, ainda, o livro sem qualquer ilustração, mas com tratamento visual correto, quanto a escolha do tipo e da família da letra, quanto a qualidade e textura do papel, da cor, etc...

Diante desse contexto, surge outra questão:

- Qual o elo entre o livro, como veiculador de uma mensagem e seu receptor, o leitor infantil?

5 - O LIVRO, A LEITURA E O LEITOR INFANTIL

Dentre as produções culturais é a literatura infantil a mais complexa, visto seu crescimento estonteante e a proliferação dos chamados escritores infanto-juvenis. É preciso discutir a super-valorização que se está dando a este gênero literário, pois, já que o leque está aberto, é fundamental oferecer condições, propostas e soluções para impedir esse avanço irrefreável e passível de invalidar todo um movimento cultural. É imprescindível proteger a criança através do produto - livro infantil - que a ela é destinado já que o mesmo é produzido e criado pelos adultos. Estes necessitam conscientizar-se de que o livro é uma ponte para troca de imagens verdadeiras de povos, raças, do universo enfim. O livro deve somatizar o universo e as verdades existenciais, mostrando a manara de ver e sentir a vida. Isto porque o livro infantil se justifica em virtude das garantias futuras que oferece ao leitor.

Dessa maneira, a literatura infantil somente obtém prestígio ou desprestígio através das formas como a cultura chega a seu leitor e, se obtém prestígio, este só

será conseguido quando emergir da prática da leitura, salvaguardando tradições.

Carece lembrar que o livro foi o primeiro objeto industrialmente produzido em grande quantidade e segundo a divisão do trabalho. No cerne da implantação da produção em série, o livro é o modelo para seu funcionamento, visto sua natureza empresarial ser medida pelo sucesso do sistema de difusão da cultura impressa.

"O livro produzido industrialmente tornou-se, para o letrado, a forma compulsória de mediação, através da qual ele precisa passar para ter acesso ao discurso despersonalizado. Ao dar a impressão ao iletrado de que os livros são o único valor possível de cultura, imediatamente se desvaloriza a importância de seu próprio discurso a seus olhos."⁶

No entanto, às massas alfabetizadas compulsoriamente, o que fica, é a desapropriação do discurso - há a inversão de valores já que o leitor não é induzido pelo ato de ler a adquirir uma postura crítica, atuante, curiosa, inquiridora, que deveria ter frente ao mundo, a realidade, a existência, isto porque a leitura não é, no meio político-social-brasileiro, um instrumento de democratização.

Desde sua origem o livro infantil assumiu uma "personalidade educativa"⁷, adotando uma postura pedagógica, englobando valores e normas do mundo adulto em detrimento, como já anteriormente citado, do lúdico. Infelizmente, o livro tornou-se o simulacro da escola, conformando-se em atuar como instrumento do ensino - livro didático - e não como o instrumento de democratização que, repito, deveria ser.

A literatura infantil, mais que qualquer gênero literário, é sensível às contradições experimentadas pela leitura.

Esta deve ser a mola propulsora, o elemento motivador, articulando a imaginação do leitor-criança detonando a fantasia e os estímulos proporcionados pela estória em si, donde há a identificação da criança com os modelos de ação.

Daí advém o prazer da leitura, oriundo da positividade da acolhida, do enriquecimento interior da criança, já que a sua imaginação recebeu subsídios para viver o real ainda que mediada pelo elemento fantástico. Infere-se, então, que a função primeira do livro infantil é a estético-formativa, a educação da sensibilidade, reunindo a beleza da palavra à beleza das imagens.

- A quem fica a responsabilidade de criar leitores?

6 - CRIAR LEITORES, COMPROMISSO DA EMPRESA EDITORIAL E DA BIBLIOTECA

A empresa editorial e as bibliotecas deveriam ter como propósito promover a leitura criando leitores. Essa

função não é exclusiva do profissional bibliotecário, como se poderia a princípio pensar, mas envolve também educadores, promotores de cultura e, fundamentalmente, aqueles que dão vida ao livro - os editores.

Muito são os eventos que têm sido promovidos visando a despertar o rol de profissionais supracitados para o problema da leitura, do livro infantil, da literatura infantil, para não citar outros; haja vista as Bienais do Livro e seus Seminários de Literatura Infante-Juvenil.

Concretamente, sabe-se que a única preocupação da empresa editorial é a demanda - tudo gira em torno da questão econômica. No entanto, os editores precisam se conscientizar de sua função de promotores da cultura por duas razões: primeiro, para salvaguardar seus próprios interesses e, segundo, para incentivar os leitores no exercício de uma prática útil.

A publicidade deveria ser direcionada não exclusivamente para promover a venda de um título ou de um autor, senão da literatura em si, pois o verdadeiro interesse da empresa editorial livreira deve consistir em que a comunidade leia.

Não se pretende aqui analisar até onde são válidas as razões da empresa editorial livreira ao considerar o livro como um objeto, cuja produção tem que ser analisada em termos de tiragens convenientes para atender as inversões feitas e a margem de lucro a alcançar; o que não implica em que se desconheça por completo a urgência de motivar a leitura. Ainda para os mesmos fins industriais é necessário pensar em termos do leitor e, não unicamente, do ponto de vista de uma mercadoria que se vá vender, é necessário pensar em como atrair essa clientela para que se tire bom proveito do livro, para que se sirva dele como de algo definitivo em sua vida, pois o livro não é uma mercadoria de despecho, é algo permanente e, inclusive, perpétuo, porque sua mensagem não passa - se transmite.

A organização de círculos de leitores asseguraria de uma parte o mercado e, de outra, aumentaria o número de leitores e esta seria uma contribuição efetiva da indústria editorial à promoção de leitura. Outra alternativa são os livros que combinam as técnicas da arte gráfica com os meios audiovisuais, como já o têm feito algumas editoras de livros de arte que incorporam séries de diapositivos para ilustrar o texto e/ou as de livros infantis que fizeram o mesmo, mas foram mais longe, incorporando discos e fitas cassetes para contar o texto ou musicá-lo dando variedade na sua apresentação.

O bibliotecário tem tentado criar leitores potenciais, realizando a função de promotor cultural. Através da

biblioteca infantil tem promovido atividades que propiciam o relacionamento bibliotecário *versus* leitor-criança, aguçando a criação deste último, alargando seus horizontes e contribuindo para seu ajuste na sociedade.

É preciso lembrar que o livro não é um elemento isolado num processo de aprendizagem em que conta a formação integral da criança. O livro é a matéria-prima da biblioteca e numa biblioteca infantil é importante que o ambiente seja, antes de tudo, agradável e que exista um bom relacionamento entre os dirigentes e as crianças que a freqüentam.

A biblioteca infantil deve ser um local onde a criança se sinta descontraída e encontre um ambiente que favoreça e alargue suas experiências além da fronteira da família e da escola. Isto posto porque as crianças nem sempre são usuários bons e sossegados; na "hora do conto", por exemplo, são ouvintes que estão prontos a expressar sua vivacidade, sua criatividade.

Desta forma, o texto em si, a palavra escrita tem que ser revelada e os recursos inventivos serão válidos para que a obra infantil passe às mãos da criança. Ao despertar a curiosidade da criança está-se despertando seu gosto pela leitura. Todo acervo básico em uma biblioteca infantil é um processo embrionário para sua formação. O fundamental é estimular a criança a ler, e a ler cada vez mais - tarefa difícil mas fascinante cujos resultados positivos dependem de nossa própria motivação.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção/consumo de obras de literatura infantil merece um conjunto de reflexões e discussões. Não basta que o autor conheça psicologia infantil e que o ilustrador saiba de que forma a criança emprega as cores e os traços; o principal em literatura infantil é observar e procurar soluções para os problemas que o livro infantil apresenta ao longo do processo produção/consumo.

A fruição dos problemas parece estar enraizada na inexistência de um sistema político-social voltado para a Educação.

A transformação das circunstâncias atuais envolve bibliotecários, educadores, promotores de cultura, autores e editores, enfim todo profissional envolvido com a literatura infantil e com a produção da leitura. Esses profissionais carecem de se conscientizar que nosso sistema político-social não visa a privilegiar a popularização do produto - livro, e da leitura; isso conquistando espaços através de um trabalho coeso,

consciente e vinculado ao processo democrático-social.

O livro, tido pelos iluministas como o instrumento fundamental para a difusão do saber e o meio através do qual o indivíduo se apropria da realidade, é um objeto perpétuo, que pode trazer lucros financeiros e culturais, visto que sua mensagem não passa através dos tempos e das idades, mas se transmite: formando-informando, conduzindo-induzindo, criando-recriando, contrapondo o real ao irreal. E, no caso do livro infantil, estabelecendo uma conexão entre o universo da criança e o da sociedade em que vive.

É imprescindível lembrar que o relacionamento da criança com o livro se faz através de uma identificação, melhor dizendo, de uma adesão afetiva. Destarte, a literatura infantil não pode obscurecer o papel do seu consumidor e, para atingi-lo nada melhor que uma produção gráfico-editorial esmerada onde conteúdo e forma da obra denotem a criação não só de um produto de consumo, mas de um produto fundamental como instrumento *cultural*

Artigo recebido em 7 de maio de 1987

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 MEIRELES, C. Como fazer um bom livro infantil. In: _____, *Problemas de literatura infantil*. 2.ed. São Paulo, Summus, 1979. (Novas buscas em educação, 3) p. 95.
- 2 PERROTTI, E. A criança e a produção cultural. In: A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA. /Regina Zilberman, org. /Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Novas perspectivas, 3) p. 19.
- 3 FERNANDES, F. *Folclore e mundaça social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1979. p. 189.
- 4 ALBERTON, CR. et alii, *Uma dieta para crianças: livros-orientação a pais e professores*. Porto Alegre, Redacta/Prodil, 1980. p. 29.
- 5 ALBERTON, CR. et alii, *ibid* p.27.
- 6 DEBATE: a criança, a palavra e a imagem. *Arte e Educação*, Rio de Janeiro (15):3-6, out 1974. p. 4.
- 7 CALVI, G. Ilustração, diagramação e produção gráfica do livro infantil. In: LITERATURA INFANTIL II. Cadernos da PUC, Rio de Janeiro, Série Letras, set 81, caderno-34, p.49.
- 8 CALVI, G., *ibid*, p.50.
- 9 ALMADA, F. Publicidade e venda de livros. In: EDITORAÇÃO HOJE/Aluisio Magalhães et alii. /2. ed. Rio de Janeiro, FGV, 1981. p.183-96.
- 10 ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
- 11 ADORNO, T. W. A indústria cultural. In: COHN, G., ed.

- Comunicação e indústria cultural*. 3.ed. São Paulo, Nacional, 1977. p.287-95.
- 12 AZEVEDO, R.M. Respeitável público. *Uma questão editorial*, São Paulo, í(1): 13-20, jun. 1978.
- 13 CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*, São Paulo, 24(9):803-9, set 1972.
- 14 CARVALHO, B.V. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 2. ed. São Paulo, Edart, 1982. (Moderna escola brasileira).
- 15 CASASANTA, T. *Criança e literatura*. 4.ed. Belo Horizonte, Vega; Brasília, INL, 1974.
- 16 CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- 17 ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA MÉRITO. São Paulo, Mérito, 1958.
- 18 FEBVRE, L & MARTIN, H. J. *L'apparition du livre*. Paris, Albin Michel, 1971.
- 19 FERREIRA, M.C. *Dicionário de inventos e inventores*. São Paulo, Editor Publicações, 1984.
- 20 GÓES, L. P. S. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo, Pioneira, 1984. 189p. (Manuais de estudo).
- 21 GRAMSCI, A. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- 22 JESUALDO. *A literatura infantil*. São Paulo, EDUSP/Cultrix, 1978.
- 23 LAJOLO, M. Circulação e consumo do livro Infantil brasileiro: um percurso marcado. In: KHÉDE, Sônia Salomão et alii. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (Novas perspectivas, 18) p.43-55.
- 24 MAGALHÃES, M. H. A. Leitura recreativa infantil; uma revisão bibliográfica. *Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 10(1): 37-52, mar. 1981.
- 25 MARIANO, R. Como el texto y la ilustración pueden atender a niños entre 6 y 8 años. In: SEMINÁRIO SOBRE EDICIÓN DE LIVROS INFANTIS Y JUVENILES. Bogotá, Febrero, 1979; Bogotá, Cerlial, 1980, Documentos Cerlial n. 2., p. 35-8.
- 26 MELLO, J.B. *Síntese histórica do livro*. 2.ed. São Paulo, IBRASA; Brasília, INL, 1979.
- 27 PERROTTI, E.; PINSKY, M.; CRUZ, M & LOPES, CR. Reprodução ideológica e livro infanto-juvenil. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, 12(3/4): 167-76, jul. /dez. 1979.
- 28 SILVA, E. T. Abaixo as infantilidades no encaminhamento da leitura. In: KHÉDE, Sonia Salomão et alii. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*, 2.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (Novas perspectivas, 18) p. 67-73.
- 29 SORIANO, M. *Guide de littérature pour la jeunesse: courantes, problèmes, choix d'auteurs*. Pans, Flammarion, 1975.
- 30 VERNE, E. Literacy and industrialization - the dispossession of speech. In: BATAILLE, Leon, ed. *A turning point for literacy*. Proceedings of the International Symposium for Literacy. Oxford. Pergamon, 1975. p. 226.
- 31 WERNECK, R.Y. A importância da imagem nos livros de literatura infantil e juvenil. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 63:90-6, out/dez. 1980.
- 32 WERNECK, R.Y. *Rumos da literatura infantil e juvenil brasileira: a importância da imagem nos livros*. Trabalho apresentado na 14ª Reunião da SBPC. (mimeografado).
- 33 ZILBERMAN, R. Literatura infantil: livro, leitura, leitor. In: A PRODUÇÃO CULTURAL PARA A CRIANÇA. /Regina Zilberman, org. /Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. (Novas perspectivas, 3), p. 94-115.
- 34 ZILBERMAN, R. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão et alii. *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. 2.ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. (Novas perspectivas, 18) p. 17-29.

From printing invention to children's books: a publishing approach.

ABSTRACT

The evolution of the printed word, from its early beginning to the introduction of literature for children, is examined. This part of literature is something created for the child and not by it. It is a complex activity, encompassing psychic, political and social questions. It also implies that the major objective of this part of literature is to *instruct*, to *inform*, to *lead* and to *guide* the child. This calls for a full commitment of the publishing industry towards a well designed and well manufactured product in terms of graphic arts. Librarians, teachers, people who promote culture in general are all engaged and responsible for the "development" of "non-development" of the child reader - an irreversible process.

O QUE É O IBICT

Criado em 1954, com a denominação de Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação - IBBD, o atual Instituto brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT vem contribuindo de modo ativo e diversificado para a melhoria das condições de acesso à informação científica e técnica por parte de todos os interessados.

Informar é a missão básica do IBICT. Sendo a informação insumo essencial à geração de novos conhecimentos e ao desenvolvimento tecnológico, as atividades do IBICT estão voltadas para consolidação de uma infra-estrutura de serviços de informação em ciência e tecnologia no País.

Informando diretamente, por meio de serviços próprios, ou propiciando condições para que outras instituições possam fornecer informações aos usuários, o IBICT é hoje uma das peças fundamentais do desenvolvimento científico e tecnológico nacional.

Diante de um problema, não vacile. Ligue para o IBICT. A falta de informação representa desperdício de tempo e dinheiro. O IBICT tem a informação ou a orientação de que você precisa. O IBICT informa.

I

Ministerio da Ciência e Tecnologia



CNPq

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

IBICT



INSTITUTO BRASILEIRO
DE INFORMAÇÃO
EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

*Instituto Brasileiro de Informação
em Ciência e Tecnologia — IBICT*
**SCN - Quadra 2 Bloco K
70710 Brasília, DF**

Telex (061) 2481

Telefone (061) 226-6074